

Boi-Bumbá de Parintins, o espetáculo midiático na Amazônia

Beatriz Silva Goes¹

Uma investigação filiada ao pensamento complexo em detrimento de um método disciplinar põe em descontinuidade teorias que se fecham em si mesmas para dar conta de um objeto que possui distintas partes que se situam e se localizam em um espaço e tempo necessários à contextualização, ao olhar de um todo para que se crie sentido. Ao colocar em questão as articulações do pensamento complexo, a partir de um processo dialógico, o que está em jogo é um pensar sobre a cultura que pressupõe o caminho como método, que abriga a dualidade e deconsidera o raciocínio excludente (MORIN, 2003). Considerando, portanto, que “é preciso aceitar caminhar sem um caminho, fazer o caminho enquanto se caminha” (MORIN, 2003, p.36) e que são muitos os embates que dão vida às manifestações da cultura em uma determinada formação social.

A obra *Boi Bumbá – Imaginário e Espetáculo na Amazônia*, de Wilson Nogueira é resultado de sua pesquisa de doutorado e mostra o caminhar de um pesquisador desassossegado com os saberes que se produzem nas festas populares na Amazônia. Conhecimentos gerados sobre as manifestações folclóricas na e da região amazônica, para e no sujeito que habita e visita este espaço. Sua pesquisa de mestrado já se debruçou sobre questões referentes ao Boi-Bumbá de Parintins (AM), ao Sairé de Alter do Chão (PA) e a Ciranda de Manacapuru (AM) e teve como objetivo principal entender as relações entre essas três festas populares e o mercado.

Estabelecendo diálogos entre Antropologia cultural, Teoria Crítica e Pensamento Complexo, o autor posiciona, nesta obra, o(s) saber(es) sobre o Boi-Bumbá de Parintins. Tal jornada resulta em um percurso que contribui para a construção de um olhar sobre o Festival Folclórico de Parintins que edifica essa festa popular à sua condição de manifestação cultural amazônica, nos diferentes contornos que assume desde o seu surgimento. Para tanto, o *corpus* com o qual se construiu a pesquisa constituiu-se dos membros da Comissão de Arte do boi-bumbá Garantido (caracterizado pela cor vermelha no festival) e do Conselho de Arte

¹ Jornalista, mestranda em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). E-mail: beatrizsgoes@gmail.com

do boi-bumbá Caprichoso (representado pela cor azul). O autor explica que escolheu se debruçar sobre o trabalho deste grupo de artistas de ponta porque constatou que o Boi-Bumbá de Parintins é “uma manifestação artística popular regional mais conhecida pelo fator cultural do que pelo fator político, econômico ou religioso. Esse fato é favorecido pela influência política dos artistas na decisão” (NOGUEIRA, 2014, p. 17). É esse grupo de artistas, cada um em sua Associação Folclórica, que concebem e coordenam o espetáculo, desde a concepção inicial ao desfecho nas três noites de apresentação, no último fim de semana de junho de cada ano.

Vale destacar que a proposta analítica do autor apresenta, já em concepção, um aspecto radical, e que se inscreve ao longo de toda a sua obra: a inclusão do “eu” na constituição, descrição e análise do objeto. Sobre essa escolha, o autor esclarece: “posso reconhecer que estou realizando um trabalho que é o resultado da soma das trajetórias no contexto de toda uma vida. Sou parte e sou o todo delas” (NOGUEIRA, 2014, p.39). Desta maneira, Nogueira inscreve como componente dessa complexidade teórico-analítica sua escrita enviesada. A consequência do espantamento coloca o leitor envolto com o efeito de evidência do “sujeito” na narrativa da obra, e também possibilita a compreensão, pela força da tomada dessa decisão, da reflexão do autor acerca do indivíduo na e da pesquisa. Para Nogueira, é na escrita “onde ponho em simbiose recortes da minha história de vida, com destaque para as atividades cognitivas, com a história do sujeito na pesquisa, no caso do Boi-Bumbá de Parintins” (*idem, ibidem*, p. 24)

Levando em consideração a riqueza teórico-analítica da obra e o espaço para a sua apresentação, foi preciso delimitar um percurso de leitura a partir do qual serão salientados, ponto a ponto, algumas das reflexões do estudo de Nogueira.

No primeiro capítulo, o autor situa o leitor acerca de algumas questões no que diz respeito à construção da história do Boi-Bumbá na Amazônia, destacando a festa popular enquanto manifestação cultural nascida em Parintins – ilha localizada a 325 km de distância em linha reta de Manaus, capital do Amazonas. Este caminho converge, deste modo, para a constituição do boi-bumbá, em Parintins, em diálogo com o imaginário amazônico, já que a apresentação desse festejo nessa ilha difere radicalmente de suas variações em outras regiões. É objetivo da pesquisa compreender o Festival Folclórico de Parintins como manifestação articulada com a indústria cultural, mas que não se concretiza apenas de acordo com a

racionalidade econômica. O autor explica que “em Parintins, houve uma reformulação radical na forma de apresentação do Boi-Bumbá [...] criou uma narrativa que mistura os fundamentos do Boi-Bumbá com o imaginário amazônico” (NOGUEIRA, 2014, p. 12). Esta compreensão aponta para uma das grandes contribuições desta tese, que está em situar, na contemporaneidade, esta festa popular amazônica que se transformou de brincadeira de terreiro à espetáculo de massa.

No segundo capítulo, a respeito das formulações teóricas, um dos pontos de destaque está na análise do Boi-Bumbá de Parintins como fato social total (MAUSS, 2003). Elaborando um caminho que contempla a festa em suas várias dimensões; da fé e paixão, aos interesses e negócios, Nogueira alcança assim a visão dialógica que constitui seu trabalho e assinala: “Não é difícil perceber, mesmo nas investigações que priorizam os fatores econômicos, que as festas populares espalham suas motivações, interesses, atividades e efeitos sobre o todo social” (NOGUEIRA, 2014, p. 16).

No terceiro capítulo, com o objetivo de traçar, de modo consequente e coeso, a relação entre o Boi-Bumbá de Parintins e a indústria cultural, o autor assenta alguns dos processos em cena quando da transformação da festa em espetáculo popular de massa. Destaca-se aqui a noção do autor a respeito do “espetáculo”, compreendido como transcendente a definição do pensador francês Guy Debord. Nogueira esclarece que “é necessário reconhecer que hoje o espetáculo constitui-se elemento fundamental do próprio imaginário social, [...] seria inadmissível negar a sua importância sociocultural como veículo dos fluxos das culturas-mundo” (NOGUEIRA, 2014, p.10). O conceito clássico de espetáculo de Debord é posto, assim, em confronto com as próprias análises de Nogueira quando passa a “observar e compreender o Boi-Bumbá de Parintins como lugar de manifestações reais e imaginárias capaz de ir além da efemeridade espetacular” (NOGUEIRA, 2014, p. 101). Neste capítulo, o autor também se dedica a descrição das condições que levaram a expressão artística Boi-Bumbá de Parintins a se relacionar e a se inserir na indústria cultural.

No quarto capítulo, o autor busca a inserção no trabalho de ponta dos artistas da Comissão de Arte do Garantido e do Conselho de Arte do Caprichoso através de uma observação-participante. Contando com diferentes materialidades (diários de campo, entrevistas, impressões, descrições, análises, entre outras), o autor aponta para os processos de constituição desta festa popular, as relações de trabalho, a estrutura organizacional e os

atritos externos e internos em jogo em diferentes momentos de concepção do “boi de arena”. A análise de Nogueira nos permite compreender, entre outras questões, que a elaboração do espetáculo do boi-bumbá não escapa à ordem das contradições. Os artistas do boi-bumbá parintinense concebem espetáculos que valorizam lendas e rituais amazônicos, reiterando o sobrenatural, através da tecnologia e da técnica, comunicando, portanto, a racionalidade.

O autor afirma que há um propósito na “viagem criativa dos artistas”, designado para além da “efemeridade do espetáculo”, no qual ocorre uma comunicação ao público de conteúdos de apelo à preservação da região, a manutenção do bioma amazônico e o respeito às etnias indígenas, ainda que não seja constatado por todos, e que corrobora com outras ações de preservação da Amazônia. Esta valorização do imaginário regional na criação e realização do Festival Folclórico de Parintins coloca em evidência, em contrapartida, uma preocupação, com a fundamentação teórica dos espetáculos, que produz evidências sobre o próprio modo de pensar o boi-bumbá.

No quinto capítulo, Nogueira aponta para os modos de funcionamento (procedimentos, técnicas, tecnologias, linguagens artísticas, teorização, entre outros) de significantes que passam a atuar como fio condutor dos espetáculos, a partir da criação, em 1999, da Comissão de Arte do Garantido e, em 1996, do Conselho de Arte do Caprichoso. Esta necessidade de maior organização e fundamentação em relação a pesquisa por trás das lendas e rituais pode ser compreendida no efeito da competitividade entre o boi azul e o boi vermelho. O autor, deste modo, salienta um percurso da “profissionalização da pesquisa” no Boi-Bumbá de Parintins e conclui que:

Estudo constatou que a teorização do espetáculo surge para explicar, para uma banca de jurados especialistas (folcloristas, antropólogos, artistas plásticos, musicólogos, bailarinos etc.), aspectos artísticos do boi-bumbá parintinense que não constam do bumba meu boi nem nas suas variantes em outras regiões (NOGUEIRA, 2014, p. 28)

A obra de Nogueira certifica a urgência e as contribuições que uma análise de sistemas complexos pode oferecer a outros campos do saber sobre as festas populares, a indústria cultural e os saberes sobre estes produzidos. O boi-bumbá e o imaginário amazônico possuem uma imagem cristalizada no senso comum como representação das variantes nacionais. A análise de Nogueira desconstrói estes saberes cristalizados e ratifica a importância do Boi-

Bumbá de Parintins, como manifestação artística popular distinta de suas variações, tais quais o boi de máscara do Pará, o boi-de-mamão e o boi-de vara de Santa Catarina, o boi surubim do Ceará e o boi calemba do Rio Grande do Norte. A tese evidencia a constituição do Boi-Bumbá de Parintins como sendo fruto da junção do amor, da fé e da tradição, por comportar a disputa de sentidos, e da junção do mercado e da economia, por se assentar no mundo espetacular da indústria cultural.

Para finalizar, em referência à criatividade dos artistas do festival, resgato um trecho da toada de Ana Paula Perrone e Jorge Aragão, *Parintins para o mundo ver*, que fala sobre o boi branco de coração vermelho na testa (boi-bumbá Garantido) a propósito de convidar este leitor que nos aprecia a conferir de perto, no último fim de semana de junho, esta festa popular que emociona e contagia milhares de torcedores todos os anos. Ação, que de minha parte, objetiva criar uma sensação de fechamento deste texto sobre a obra de Nogueira, obra esta que também nos convida a um passeio, mesmo que à distância, a esta ilha na subida do rio Amazonas e a este Festival Folclórico na Amazônia, que nos emociona e conduz diante do inesperado:

Nosso boi nossa dança xipuara
Caiu no mundo está mostrando a nossa cara
Atravessou pro outro lado do oceano
Ficou famoso meu valente boi de pano
Que era só na velha Tupinambarana
Que se apoiou na fé do seu Valdir Viana
Mostra pro mundo seu folclore como é
Na Baixa do São José
Macio feito pêlo de coelho
Meu bozinho é todo branco só na testa tem vermelho
É perigoso por que rouba coração
Por isso é o boi do povão
(Parintins para o mundo ver – Ana Paula Perrone e Jorge Aragão)

NOGUEIRA, Wilson. **Boi-bumbá** – imaginário e espetáculo na Amazônia. Manaus: Editora Valer, 2014. 287P.

Referências

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003

MORIN, Edgar. *Educar para a era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem na incerteza e no erro humanos*. Lisboa: Baland, 2003 (col. Horizontes Pedagógicos).

PERRONE, Ana Paula Perrone; ARAGÃO, Jorge. *Parintins para o mundo ver*. Composição: Ana Paula Perrone e Jorge Aragão. Disponível em: . <http://letras.mus.br/garantido/669762/>. Acesso em: 14 out. 2015.